ESTIAGEM

Temperatura cai em Brasília

Massa de ar frio que começou nas regiões Sul e Sudeste chega ao Centro-Oeste e pega brasilienses de surpresa. Termômetros registraram 12.8 graus nas últimas madrugadas, índice baixo para a época. A boa notícia é que o clima normal volta logo

» MARIANA MOREIRA

Fotos: Daniel Ferreira/CB/D.A Press

Francisca Maria Ribeiro tenta driblar a sensação térmica inesperada aquecendo os braços: ventos também ajudaram a baixar a temperatura

Depois de dias de temperatura agradável e sol brilhante, o brasiliense se despediu do clima quente e teve de recorrer, novamente, aos casacos, cachecóis e edredons. Na madrugada de quarta para quinta-feira, os termômetros registraram 11.1 graus, a marca mais baixa aferida neste mês de agosto. Com o vento que varreu o Distrito Federal, a sensação térmica chegou a níveis ainda mais incômodos: todos sentiram na pele o frio equivalente a 5 graus. Ontem, pessoas encasacadas invadiram as ruas, o céu surgiu nebuloso e um vento cortante fez lembrar o período mais severo do inverno. A boa notícia é que o calor deve aumentar, gradualmente, até o fim de semana. E a previsão é que os agasalhos fiquem guardados até o mesmo período do ano que vem.

A responsável pela mudança climática foi uma massa de ar frio que desde segunda-feira encobre as regiões Sul e Sudeste. Por aqui, ela se fez notar na terça-feira, quando os aparelhos de medição acusaram 12.8graus, durante a madrugada. Em 24 horas, a temperatura caiu mais dois graus, chegando ao menor índice do mês. Apesar do desconforto apontado por alguns, a mudança no clima é normal nesta época do ano. "Ainda estamos no inverno, sujeitos às ocorrências de frentes frias", explicou a meteorologista Priscila Monteiro. Até domingo, aponta ela, a temperatura mínima registrada, provavelmente, estará na casa dos 14 graus. As mais baixas temperaturas, geralmente, ocorrem pouco antes do nascer do sol.

Como se não bastasse a queda apontada pelos termômetros, o vento castigou os moradores de todos os cantos do Distrito Federal. "Ele intensifica a troca de calor entre o corpo e o ambiente externo. Quanto mais intenso, maior a troca de calor e, consequentemente, a sensação de desconforto", justificou a meteorologista. Ontem, a velocidade média dos ventos foi de cerca de 18 km/h, considerada uma brisa fraca pelos especialistas. Durante as rajadas mais fortes, chegou a 40 km/h, o que significa uma brisa forte. Para se ter ideia, uma ventania que destelha casas e danifica galhos de árvores começa quando os ventos atingem 54 km/h. Uma das razões para esse efeito, explica Monteiro, pode ser o contraste entre as temperaturas de regiões mais e menos aquecidas. Conforme a massa de ar frio for perdendo a força, essas rajadas também ficarão menos frequentes.

Secura no ar

Nesta época do ano, todas as massas de ar são secas e impedem a formação de nuvens de chuva. Ontem, diante da nebulosidade, que é sinal de um pouco mais de água na atmosfera, a umidade relativa do ar ficou em torno de 30%. Para hoje, a previsão é não ultrapassar os 20%. O dia mais seco do ano foi 15 de junho, quando os aparelhos de medição apontaram umidade de 15%. Neste mês, o índice mais baixo foi 16%, registrado no último dia 10. Até o momento, não há previsão de chuvas.

Fernando Alves se agasalhou todo e, ao chegar à rua, comprou luvas e touca: cena pouco comum em Brasília

Temperatura mínima registrada na madrugada de quarta para quinta-feira

Mudança brusca

No centro de Brasília, a paisagem dominada por roupas leves mudou radicalmente. Desde cedo, o vendedor de frutas Yrisnaldo Sampaio, 36 anos, invejou os trajes mais pesados de quem circulou por ali. "Já me arrependi umas 10 vezes por não ter vindo trabalhar de calça comprida. A sorte é que sempre carrego um cachecol na minha pochete." Durante as conversas com o vendedor, vários clientes reclamaram da mudança no clima, e estranharam a alteração brusca. "Muita gente comentou que não se lembra de ter passado tanto frio nesse inverno, como passou hoje", garantiu.

O frio dos transeuntes garantiu o negócio do vendedor ambulante Gilberto Ramalho, 32 anos. Nos períodos mais quentes, ele costuma vender sorvete; em tempo frio, recorre às toucas e, quando acaba a estiagem, os guarda-chuvas são os salvadores de seu negócio.

> No frio, a gente dorme, trabalha e se alimenta melhor. Só é ruim pra quem sai cedo ou chega tarde em casa"
>
> *Francisca Maria Ribeiro, 64 anos, dona de casa*

Ar poluído

» Na última segunda-feira, enquanto uma névoa seca encobria o céu de Brasília, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) registrou poluição no ar da capital comparável à encontrada em São Paulo. Dados do órgão apontam que, por volta de meia-noite do dia 16 deste mês, Brasília registrou 30 microgramas de material particulado fino por metro cúbico de ar. Em dias críticos, São Paulo registra entre 50 e 100 microgramas. Os particulados finos são um tipo de fuligem suspensa no ar, que adere aos pulmões e pode causar doenças respiratórias.

"Vi na televisão que o tempo ia esfriar e tirei as touquinhas do estoque", comemorou, após vender 200 unidades durante a tarde de ontem. A unidade custa R$ 5 e ele lucra R$ 1,50 com cada uma. "O vento incomodou bastante, mas, se o tempo ficar desse jeito, vou continuar investindo nas toucas", afirmou.

Agasalhos

O panfletista Fernando Alves, 19 anos, foi um dos que investiram em artigos de inverno. Ele saiu de casa usando um casaco, mas, ao chegar ao trabalho, não resistiu e pagou R$ 10 por uma touca e um par de luvas. "Não aguentava mais tomar tanto vento nas orelhas", divertia-se. Em casa, ele possui o figurino completo para espantar as baixas temperaturas, mas não acreditou que todos os itens seriam necessários, a cerca de um mês do início da primavera. Pelo visto, não foi o único. "Durante todo o dia, apertei muitas mãos geladas", relatou.

Enquanto esperava pela filha, que a apanharia em um ponto de ônibus do centro de Brasília, a dona de casa Francisca Maria Ribeiro, 64 anos, tentava aquecer, com as mãos, os braços nus. "Saí na correria para não perder o ônibus e acabei esquecendo o casaco", contou. Pelo que se lembra, o último inverno comparável a este, em termos de rigor, foi há oito anos. Ela diz estar surpresa com o frio, em um período em que já esperava por chuvas e calor, mas não lamenta a virada meteorológica: "No frio, a gente dorme, trabalha e se alimenta melhor. Só é ruim pra quem sai cedo ou chega tarde em casa".